

CURSO ENEM E VESTIBULARES

:: ON-LINE ::

HISTORIAONLINE.COM.BR



AULA 11

:: HISTÓRIA GERAL ::



Os Francos (479-843)



Os Francos (479-843)

1. Reino Franco (Séc. V-IX)

Origem: conquistas germânicas na queda do Império Romano do Ocidente.

Consequências: fusão de elementos culturais romanos e germânicos.

Heranças culturais germânicas:

- a. Fragmentação política: ausência da noção de Estado (particularismo tribal).
- b. Agricultura de subsistência e comércio reduzido.
- c. **Relação de Comitatus:** origem da suserania e vassalagem.

Suserania e vassalagem:

- Relação assimétrica (vertical) do ponto de vista militar (entre comandante e comandado).
- Relação simétrica (horizontal) do ponto de vista social (entre nobres).
- Relação de reciprocidade de deveres entre suserano e vassalo.



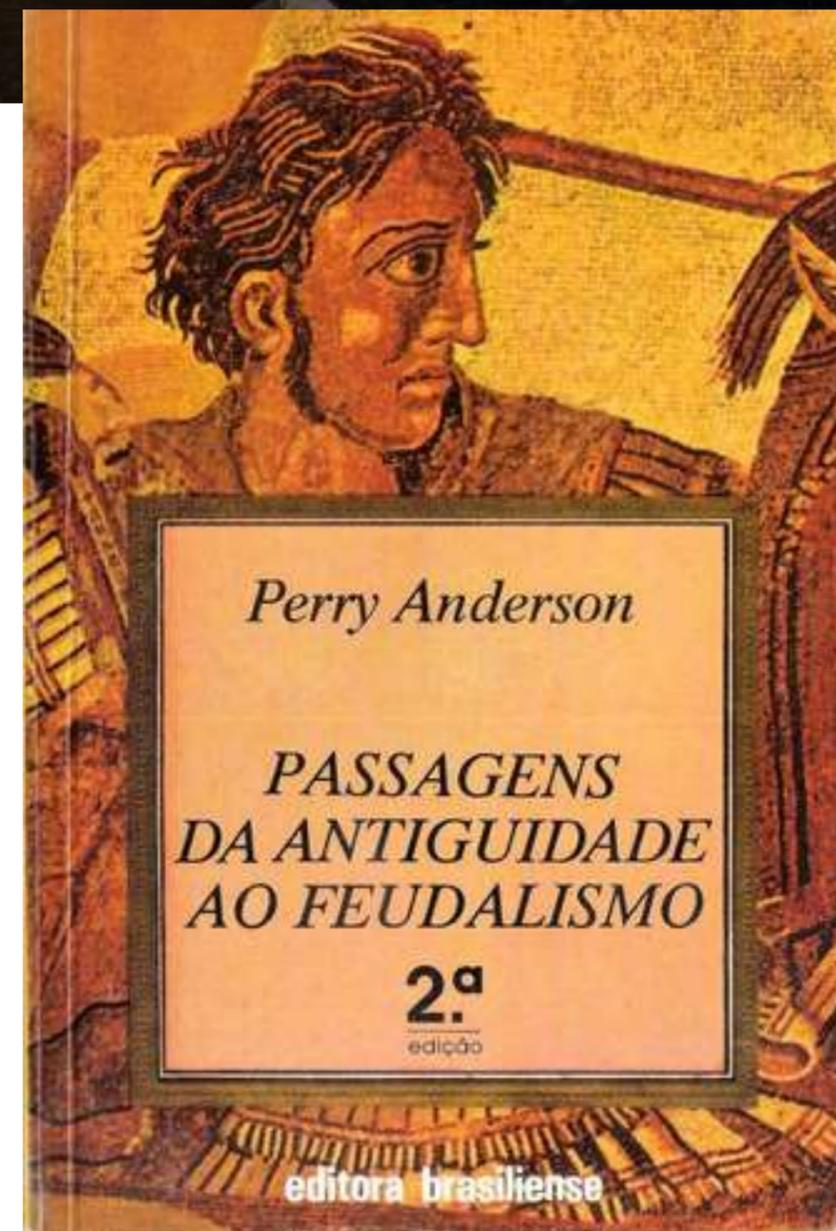
- Relação **militar**
- Liturgia (cerimonial):
 - Contrato **oral** (direito consuetudinário).
 - **Beijo**: empenho das palavras de fidelidade.
 - **Genuflexão**: reconhecimento do superior militar.
- **Consequências**:
 - **Fragmentação** do comando militar.
 - Ausência de poder político centralizado.
 - **Rei**: poder de direito.
 - **Vassallos**: poder de fato.

Suserania e vassalagem



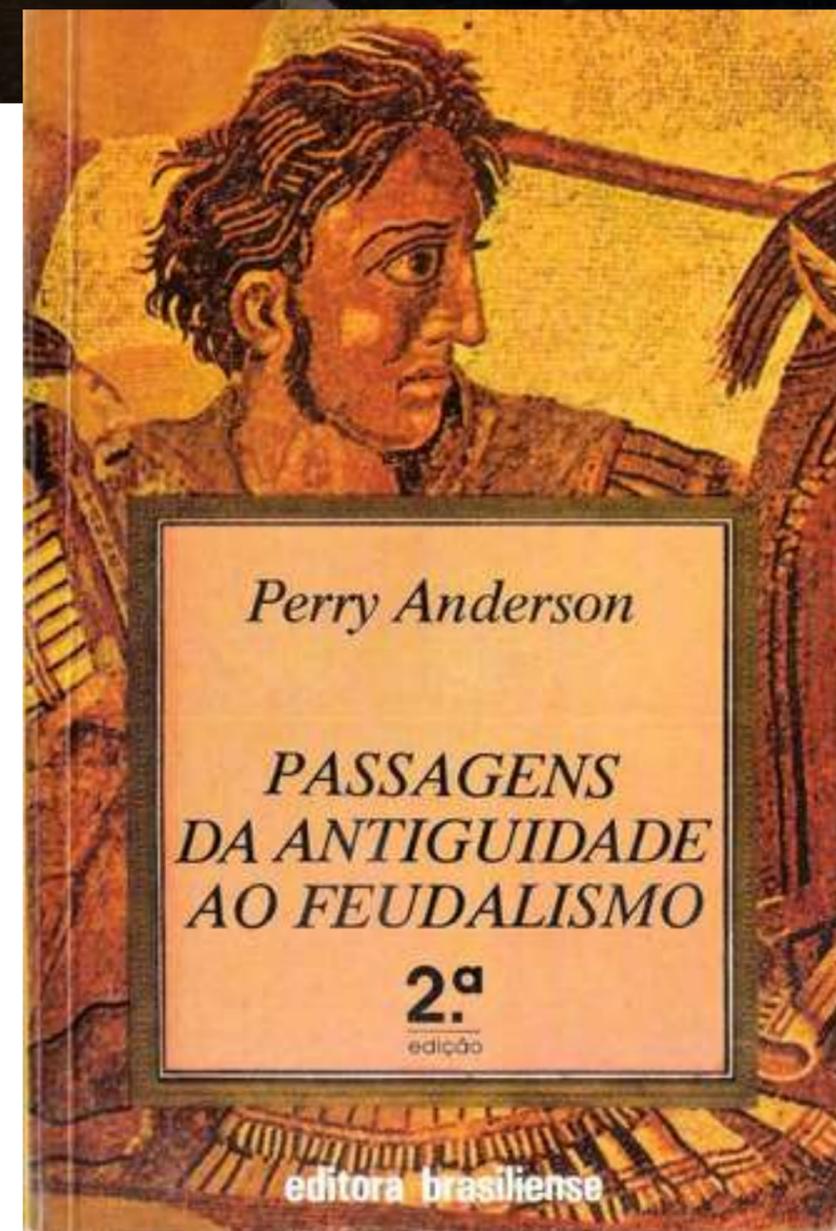


O monarca, em outras palavras, era um suserano feudal de seus vassallos, aos quais estava ligado por laços de feudalidade, e não um soberano supremo colocado acima de seus súditos. Seus recursos econômicos provinham quase exclusivamente dos seus domínios pessoais enquanto senhor, enquanto aos seus vassallos pedia contribuições de natureza essencialmente militar. Ele não teria acesso político direto à população como um todo, pois a jurisdição sobre ela seria intermediada por muitas camadas de subfeudos. Na verdade, ele só poderia ser o senhor de suas propriedades, sendo, fora delas, uma simples figura decorativa.





O modelo acabado de tal forma de governo, em que o poder político estava estratificado para baixo de tal maneira que seu ápice não detinha nenhuma autoridade qualitativamente separada ou plenipotenciária de forma alguma, jamais existira em parte nenhuma na Europa medieval. A ausência de qualquer mecanismo real de integração no topo de um sistema feudal que implicava este tipo de política impunha uma ameaça permanente à sua estabilidade e sobrevivência. (p. 147)



E... Como cai no vestibular?

3 Puccamp 2010 (Adapt.) O medievalista Marc Bloch, em seu livro *A Sociedade Feudal*, assim descreveu a investidura:

Eis dois homens frente a frente: um que quer servir; o outro que aceita, ou deseja ser chefe. O primeiro une as mãos e, assim juntas, coloca-as nas mãos do segundo: claro símbolo de submissão, cujo sentido, por vezes, era acentuado pela genuflexão. Ao mesmo tempo, a personagem que oferece as mãos pronuncia algumas palavras, muito breves, pelas quais se reconhece o homem de quem está na sua frente. Depois, chefe e subordinado beijam-se na boca: símbolo de acordo e amizade. Eram estes [...] os gestos que serviam para estabelecer um dos vínculos mais fortes que a época feudal conheceu.

Assinale a figura que representa uma das fases da cerimônia que servia para estabelecer o vínculo a que o texto se refere.



Bibliothèque nationale de France/Wikipédia

B



Reprodução

C



Reprodução

D



Reprodução

E



Reprodução

E... Como cai no vestibular?

1 Unesp 2013 *“Servir” ou, como também se dizia, “auxiliar”, – “proteger”:* era nestes termos tão simples que os textos mais antigos resumiam as obrigações recíprocas do fiel armado e do seu chefe.

Marc Bloch. *A sociedade feudal*, 1987.

O mais importante dos deveres que, na sociedade feudal, o vassalo tinha em relação ao seu senhor era:

- A o respeito à hierarquia e à unicidade de homenagens, que determinava que cada vassalo só podia ter um senhor.
- B o auxílio na guerra, participando pessoalmente, montado e armado, nas ações militares desenvolvidas pelo senhor.
- C a proteção policial das aldeias e cidades existentes nos arredores do castelo de seu senhor.
- D a participação nos torneios e festejos locais, sem que o vassalo jamais levantasse suas armas contra seu senhor.
- E a servidão, trabalhando no cultivo das terras do senhor e pagando os tributos e encargos que lhe eram devidos.

E... Como cai no vestibular?

2 UPF 2015 Leia o fragmento a seguir, que trata da sociedade feudal.

“No cruzamento do material e do simbólico, o corpo fornece ao historiador da cultura medieval um lugar de observação privilegiado neste mundo em que os gestos litúrgicos e o ascetismo, a força física e o aspecto corporal, a comunicação oral e a lenta valorização do trabalho contavam tanto, era importante conferir valor, além do escrito, à palavra e aos gestos.”

Jacques Le Goff. *A civilização do Ocidente Medieval*.
Bauru: Edusc, 2005. p. 14.

Era característica da sociedade feudal:

- A Tinha grande mobilidade social, apesar das rígidas tradições e dos vínculos jurídicos que determinavam a posição social de cada indivíduo.
- B A honra e a palavra empenhada tinham importância fundamental, sendo os senhores feudais ligados entre si por um complexo sistema de obrigações e tradições.
- C A maior parcela da população era constituída pelos vassalões, que procuravam por outros senhores mais poderosos, jurando-lhes fidelidade e obediência.
- D Os suseranos deviam várias obrigações aos seus vassallos, por exemplo, o pagamento das banalidades e a prestação do serviço militar.
- E Os servos, como os escravos, não tinham direito à própria vida, vivendo presos à terra, sendo vendidos para membros do clero e senhores feudais.



Medieval

Os Francos (479-843)

2. Dinastia Merovíngia (496-751)

Origem: Conquista da Gália feita por **Meroveu** em 479.

496: **Clóvis**, neto de Meroveu, se converte ao catolicismo.

Aliança: Reino dos Francos + Igreja Católica Apostólica Romana.

- **Objetivo do rei franco:** legitimar, através da religião, seu poder na região da Gália.
- **Objetivo da ICAR:** obter proteção militar, influência política e terras.



Os Francos (479-843)

2.1. Características da Dinastia Merovíngia

Política: fragmentada (relação de suserania e vassalagem e divisão do reino entre os quatro herdeiros de Clóvis após a sua morte).

- **Major Domus:** nobres com grande poder, administravam o poder no palácio real.
- **Reis merovíngios:** reis indolentes (não exerciam o poder de fato).
- **Organização política do reino:** divisão em condados.

Séc. VII: fortalecimento dos Major Domus da casa de **Heristal**.

679: reformas de Pepino de Heristal.

- **Major Domus:** passou a ser um cargo vitalício e hereditário da família de Heristal.

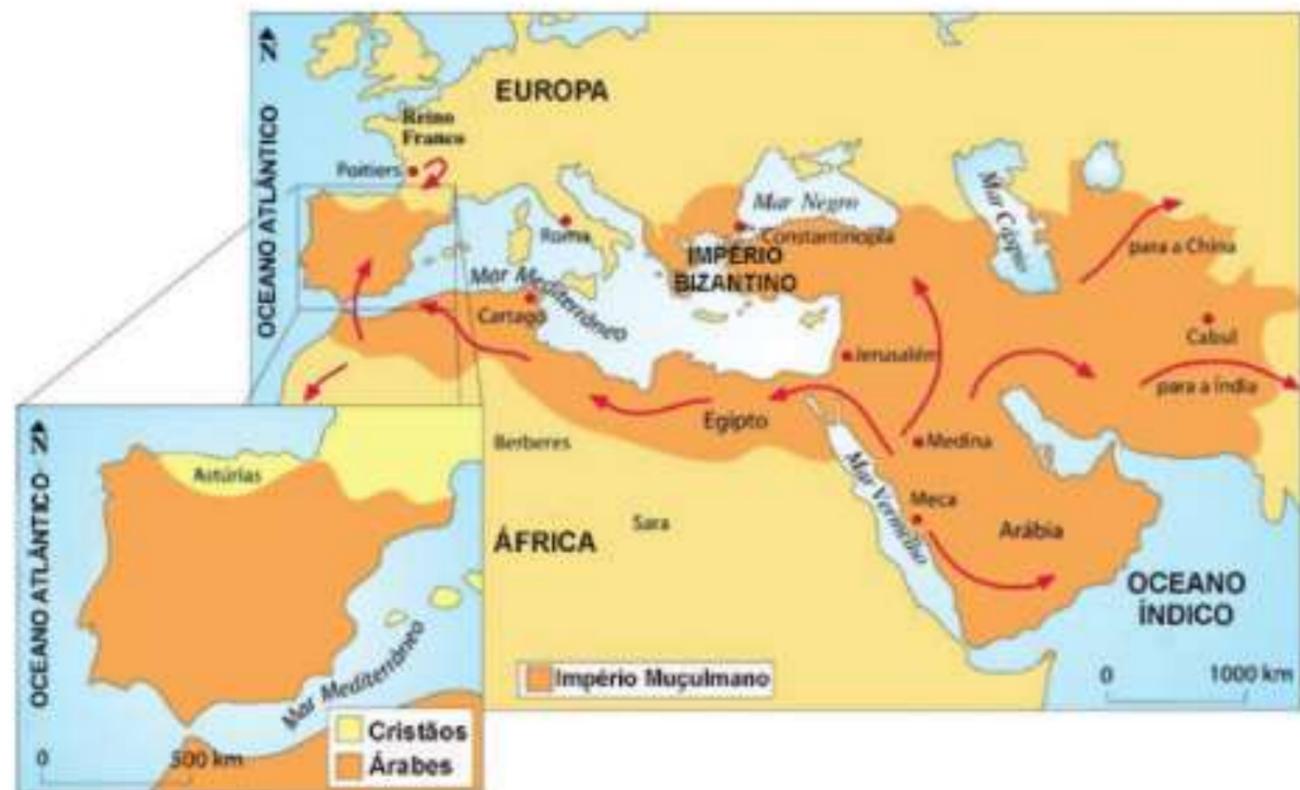
732: **Carlos Martel** (Major Domus) vence os árabes em Poitiers.

751: **Pepino, o Breve**, depõe o último rei merovíngio, Childerico III.

- Fim da Dinastia Merovíngia e início da **Dinastia Carolíngia**.

E... Como cai no vestibular?

3 UEMG 2016



http://descobrimaishistoria.blogspot.com.br/2014_01_01_archive.html. Acesso em: 21 set. 2015.

Durante a Idade Média, no ano de 570, nascia Maomé, conhecido por ser o profeta de Alá. Desde a sua morte até o século XXI, a crença em Alá tem sido difundida pela fé islâmica que é, até hoje, predominante no norte da África e na Península Arábica. Em 711, a expansão islâmica conquistara espaço na Europa Ocidental. Quase toda a Península Ibérica fica sob o poder do Califado.

O que detém o avanço islâmico é

- a resistência do império franco e o processo de reconquista ligado às monarquias locais fortemente influenciadas pelo cristianismo.
- a proposta, dos grupos dirigentes das Monarquias Ibéricas, de associar os preceitos islâmicos aos valores cristãos, enfraquecendo assim as frentes de batalha.
- a ação da Rússia em repressão aos islâmicos, formando uma frente combativa para manter as antigas monarquias ibéricas.
- a formação de um Reino Cristão que unia todas as monarquias europeias para combater os invasores.



Medieval

Os Francos (479-843)

3. Dinastia Carolíngia (751-841)

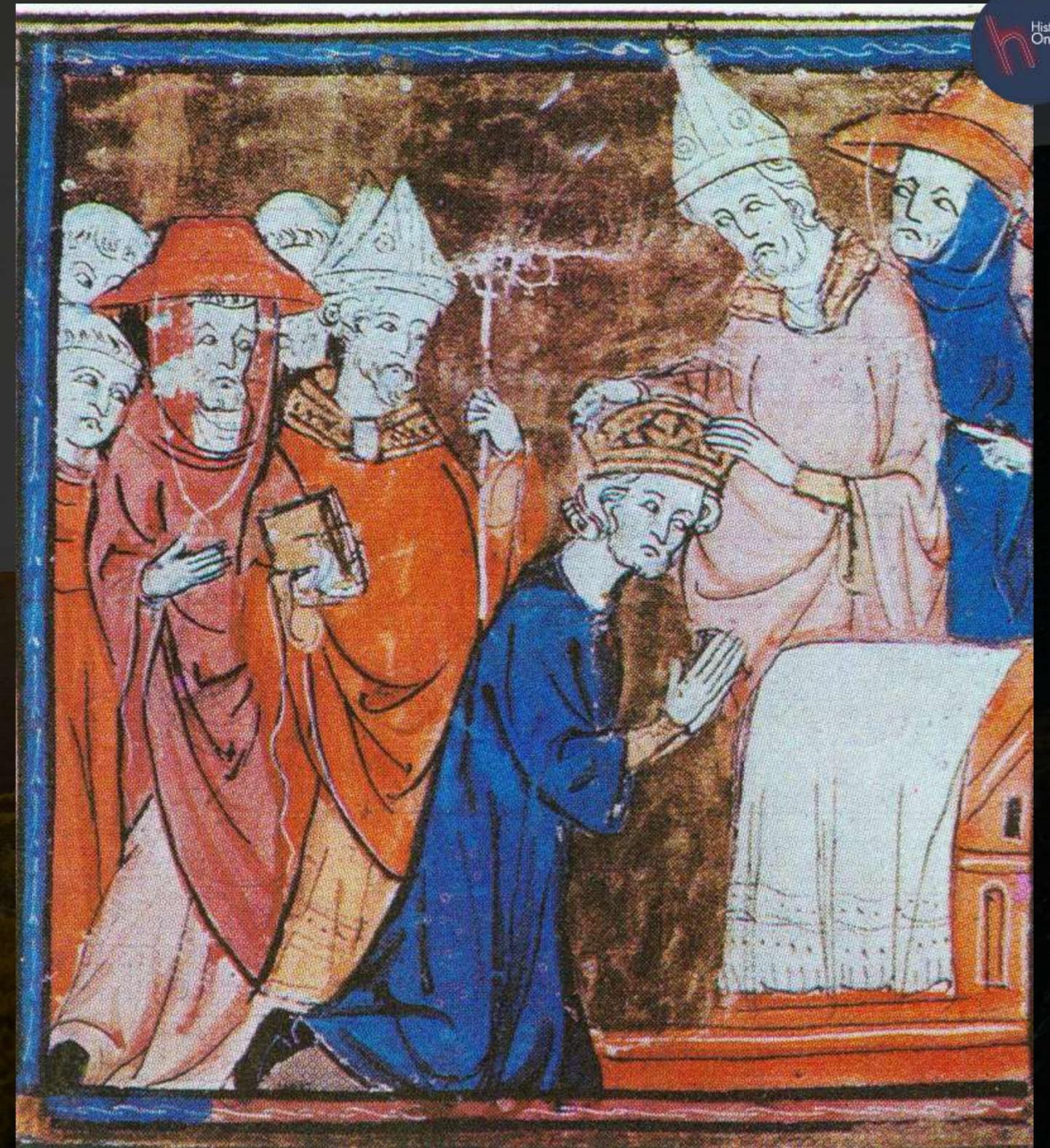
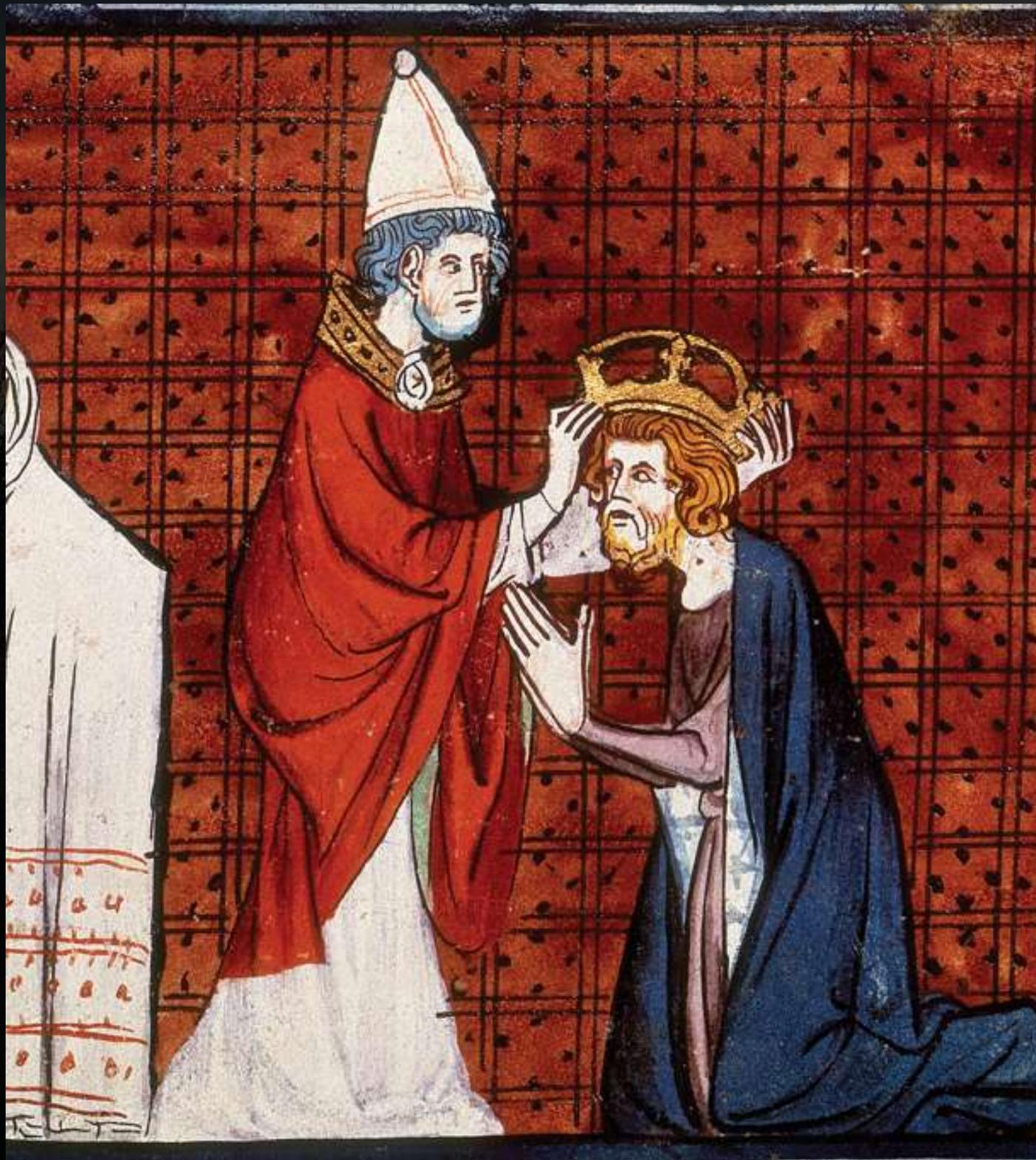
Política: aumento da legitimidade e estabilidade do poder real.

- **Herança do trono:** direito ao primogênito (fim das divisões do reino entre herdeiros).
- **Nobreza:** apoiava a dinastia em troca de expansões territoriais.
- **ICAR:** apoio à dinastia em troca terras e do benefício em suas terras.

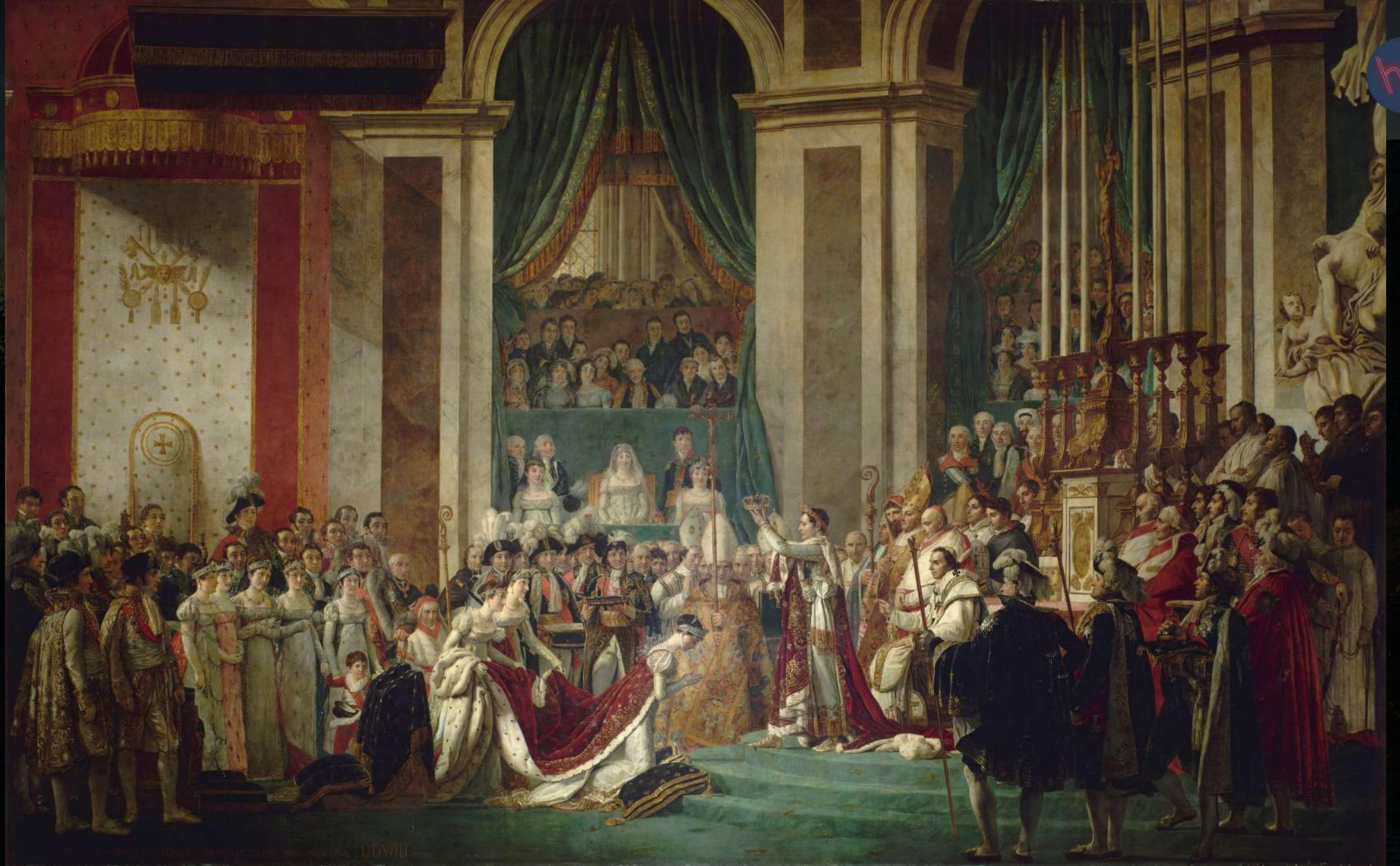
756: **Pepino, o Breve** conquista a Itália e concede o território à ICAR.

768-814: **Governo de Carlos Magno.**

- **Expansão territorial:** aumento dos condados e criação dos ducados e marcas.
- **Capitulares:** leis de Carlos Magno, fiscalizadas pelos *missi dominici*.
- **Renascimento Carolíngio:** retomada da cultura greco-romana pelo Reino Franco a partir de ações da ICAR (fundação da Escola Palatina).
- **800: início do Novo Império Romano do Ocidente** = Carlos Magno é coroado imperador pelo papa Leão III (investidura papal).



O Feudalismo Ocidental



Coronation of Louis XVI and Marie Antoinette, 1792



E... Como cai no vestibular?

1 FGV-RJ 2010 Em 768, Carlos Magno foi coroado rei dos francos e, em 800, imperador dos romanos. É pertinente afirmar quanto aos reinos francos, no que diz respeito ao período Carolíngio, que:

- X** apresentavam uma fusão de elementos culturais, como a aliança dos francos com o papado, que, com a restauração do Império Romano do Ocidente, constituiu um reforço ao seu caráter romano-germânico.
- B** o Renascimento Carolíngio tornou evidente a tensão entre os inconciliáveis valores germânicos e cristãos.
- C** a forte centralização política e administrativa, estabelecida pelo Tratado de Verdun, favoreceu o governo do território, após a anexação dos reinos da Lombardia e Baviera.
- D** suas instituições, direito, legiões e cidades eram consideravelmente semelhantes aos do período Romano, embora seus funcionários, na maioria, não fossem servidores civis.
- E** o direito romano prevaleceu aos poucos sobre o direito consuetudinário germânico, que caiu em desuso e, finalmente, em total esquecimento.



Os Francos (479-843)

4. Declínio do Império Carolíngio (Sécs. IX-X)

814-841: governo de Luís, o piedoso.

- **ICAR**: exerceu forte influência sobre o monarca, influenciando suas decisões.
- **Conflitos internos**: disputa entre o rei e seus filhos pelo controle de territórios.
- **Conflitos externos**: invasões (vikings/magiães/sarracenos).

841-843: Disputas internas entre os herdeiros de Luís, o piedoso

- Carlos, o calvo X Lotário X Luís, o germânico.
- **870**: morte de Lotário.
- **877**: com o apoio da ICAR, os feudos passam a ser direito hereditário, esvaziando o poder real sobre a nobreza.

ICAR: não sofreu divisão de terras, tornando-se uma das maiores proprietárias da Europa Ocidental.



O Feudalismo Ocidental



Medieval

Os Francos (479-843)

5. O Sacro Império Romano Germânico

França Oriental: forte domínio da ICAR.

ICAR: desejava tornar seu poder superior ao do Imperador.

Resultado: conflito entre o Imperador e o Papa = Querela das Investiduras

Querela das Investiduras (séc. 1075-1122):

- Henrique IV X Papa Gregório VII.
 - Disputa pelo direito de nomear bispos (**investiduras**).
- 1122: fim da querela pela Concordata de Worms: assinada entre Henrique V e o papa Calisto II.
- Reconhecimento do direito do Imperador de participar em seu território das investiduras de bispos devido ao caráter secular e espiritual da função episcopal. A investidura episcopal era dividida entre o Papa e o Imperador.



O Feudalismo Ocidental



A Alta Idade Média: Sécs. V-X

A política na Alta Idade Média

CARACTERÍSTICAS

- Fragmentada
- Descentralizada
- Poderes locais fortes

CONTEXTO

- Reino Franco
- Dinastia Merovíngia (496-751)



CAUSAS

- Particularismo tribal
- Comitatus bárbaro
- Suserania e vassalagem

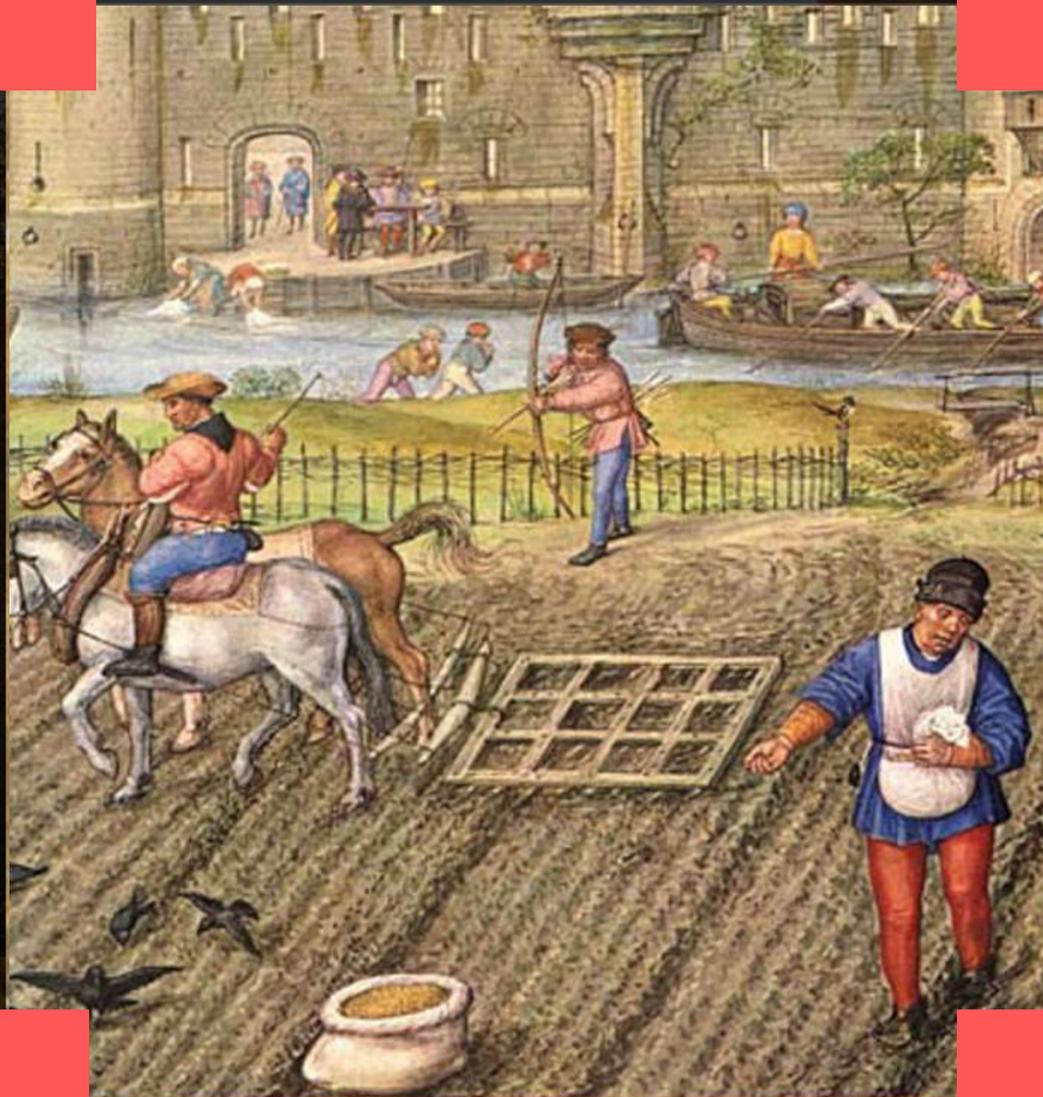
CONSEQUÊNCIAS

- Expansão do poder da nobreza
- Condados, ducados e marcas

A economia na Alta Idade Média

AGRICULTURA

- Principal atividade
- Focada na subsistência
- Trocas com cidades
- **Cidades:** artesanato



FEUDO

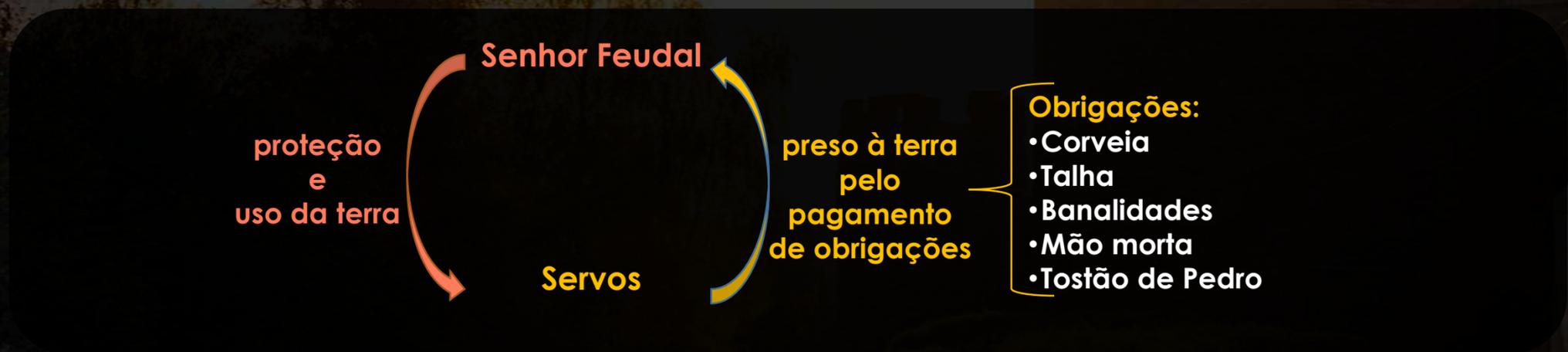
- Unidade produtiva
- Propriedade rural
- Castelo, mansos e bosques

COMÉRCIO

- Atividade secundária
- **Moeda:** uso restrito
- **Estradas:** ligavam feudos às cidades

TRABALHO RURAL

- Relação de **servidão**
- **Origem:** colonato romano
- Relação vertical / assimétrica



O SENHORIO MEDIEVAL

PAULO CÉSAR

Manso senhorial

Os produtos dessas terras pertenciam exclusivamente ao senhor. Nelas trabalhavam servos e outros camponeses. Ali se produzia tudo de que o senhor necessitava para manter sua família e outros dependentes.

Manso comum

Os produtos retirados dessas terras eram de uso tanto dos servos quanto dos senhores. As terras comunais eram constituídas de pastos para criar animais e de florestas e baldios, onde os camponeses colhiam frutos e raízes, extraíam a madeira e o mel. A caça nas florestas era exclusiva dos senhores. No senhorio, em geral, também havia celeiros para armazenar a colheita; um moinho para triturar os grãos; e fornos para assar os pães.

Manso servil

Terras destinadas aos servos. Nelas os servos produziam o que era necessário para a sua sobrevivência, devendo em troca cumprir uma série de obrigações para com o senhor.

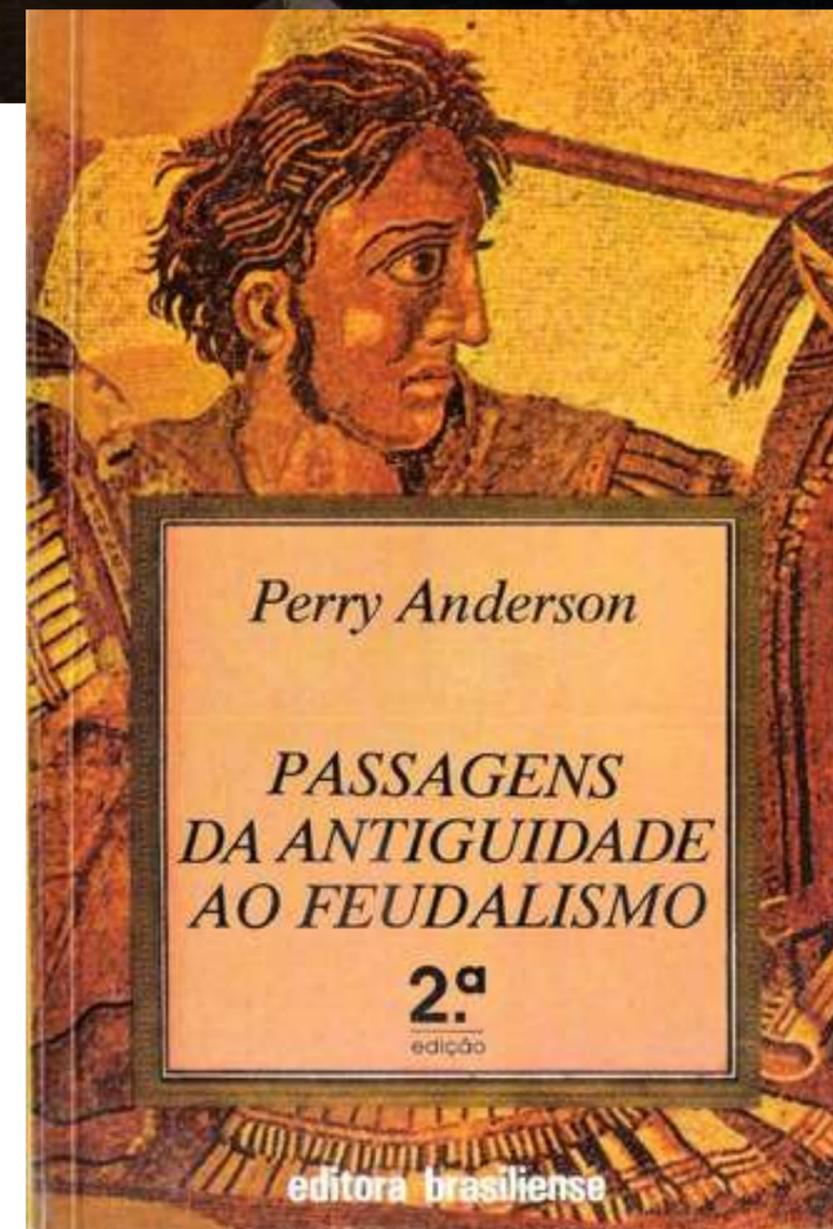
Ilustração atual representando como poderia ser um senhorio medieval.

Feudo





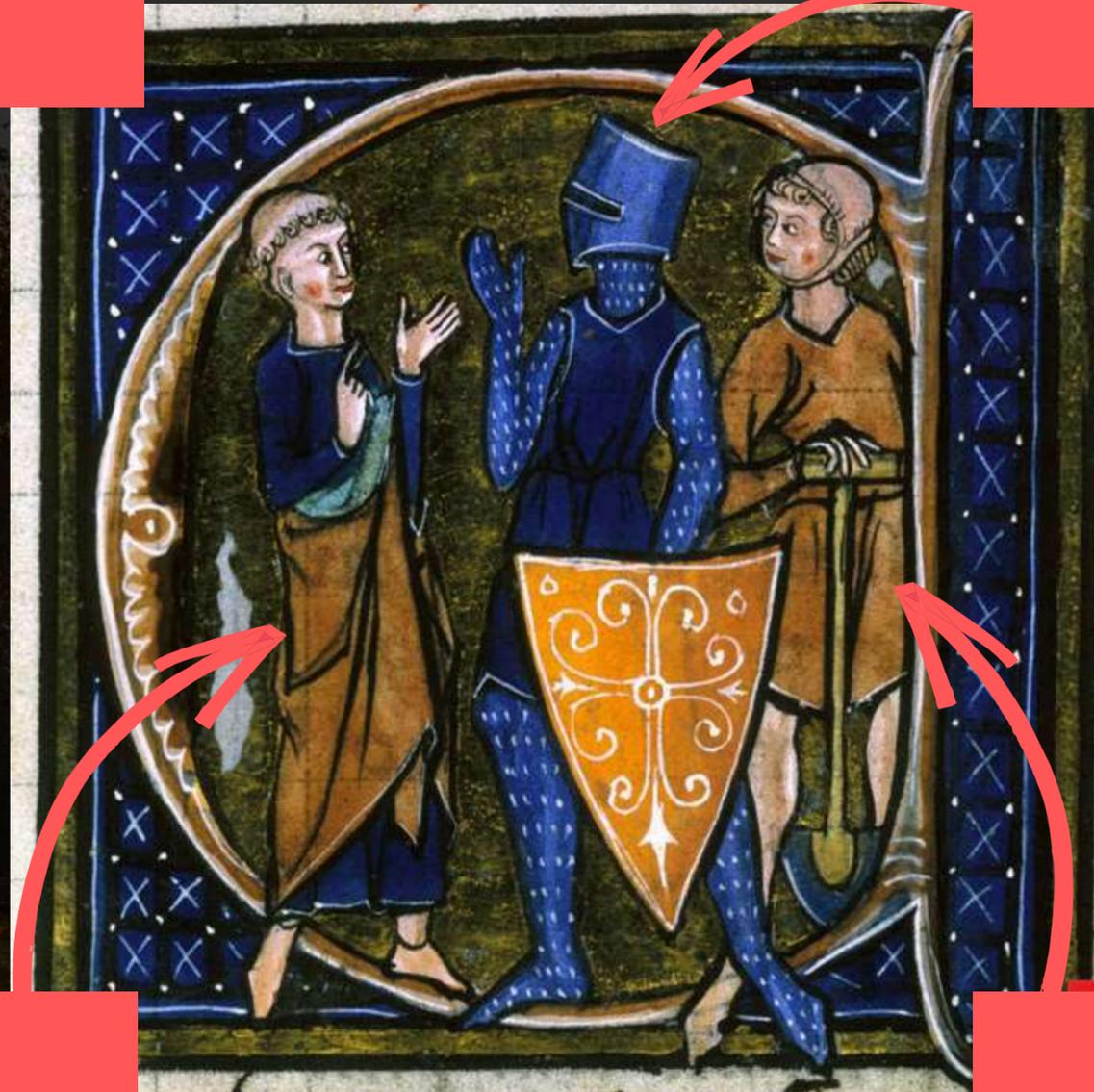
"O modo de produção [feudal] (...) jamais existiu em um estado puro em parte alguma da Europa (...). Os escravos, por exemplo, sempre existiram por toda Idade Média, e os camponeses livres nunca foram totalmente eliminados em lugar algum (...) (p. 147)



A sociedade na Alta Idade Média

CARACTERÍSTICAS

- Estamental
- Mobilidade restrita
- Hereditariedade
- **Livres**: vilões e ministeriais



NOBREZA

- *Belatori*
- **Função**: guerra, proteção
- **Hierarquia**: Filho, Cristo

CLERO

- *Oratori*
- **Função**: intelectual e espiritual
- **Hierarquia**: Pai, Deus

SERVO

- *Laboratori*
- **Função**: produção
- **Hierarquia**: Espírito Santo



ATENÇÃO

Equívocos comuns

Lembre-se de diferenciar a relação de **suserania e vassalagem** (entre nobres, de origem militar) da relação de **servidão** (entre nobre e servo, de origem econômica).

Vassalo

- É um **nobre**
- Não é servo
- Função **militar**

Servo

- É um **camponês**
- Não é nobre
- Função **econômica**

Suserano

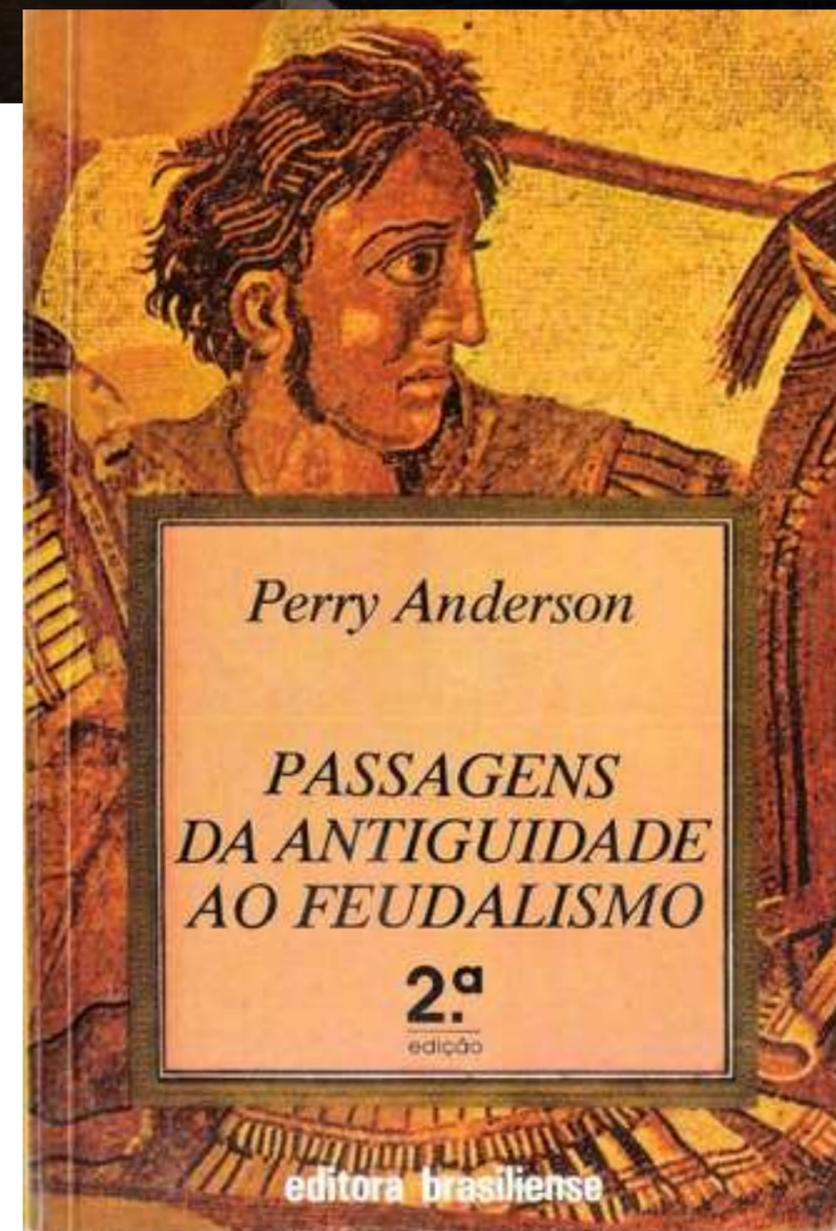
- É um **nobre**
- Não é servo
- Função **militar**

Senhor feudal

- É um **nobre**
- Não é servo
- Função **econômica**
- **Nobre** com terras e servos

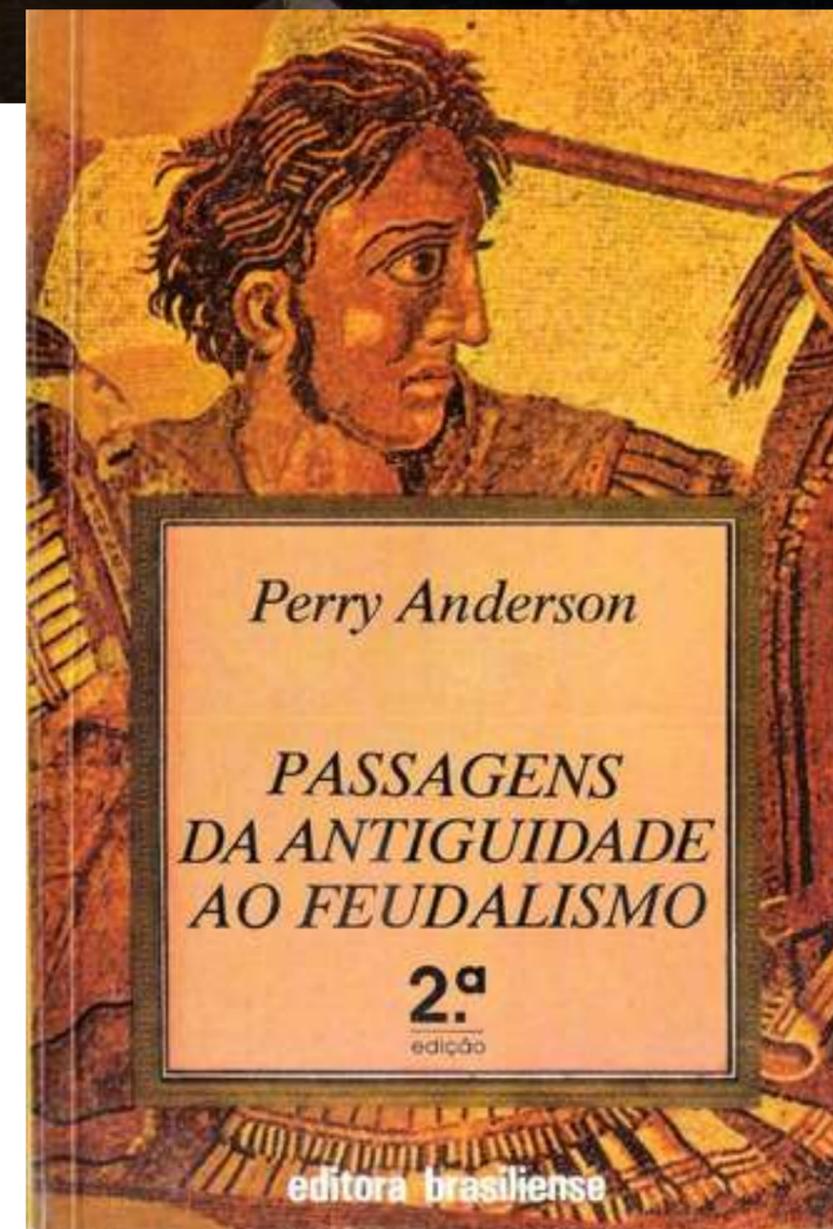


O camponês estava sujeito à jurisdição de seu senhor. Ao mesmo tempo, os direitos de propriedade do senhor sobre sua terra geralmente eram apenas de grau: o senhor era investido neles por um nobre (ou nobres) superior, a quem passaria a dever serviços de cavaleiro o fornecimento de um efetivo militar em tempo de guerra. Em outras palavras, suas propriedades eram mantidas como um feudo, O senhor feudal, por seu lado, muitas vezes seria vassalo de um outro senhor feudal superior, e a cadeia de tais posses dependentes se estenderia até o cume do sistema — na maioria dos casos, um monarca — de quem a princípio toda a terra, em última instância, seria o eminente domínio.





Típicas ligações intermediárias de tal hierarquia feudal no início dessa época, entre o simples senhorio e o monarca suserano, eram a castelania, o baronato, o condado ou o principado. A consequência deste sistema era que a soberania política nunca estava enfocada num único centro. As funções do Estado desagregavam-se em concessões verticais sucessivas, e a cada nível estavam integradas as relações econômicas e políticas. Esta parcelarização da soberania seria constitutiva de todo o modo de produção feudal. (p. 144)

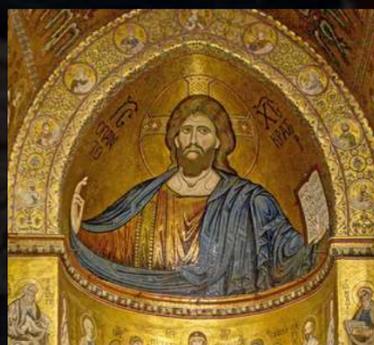


A Igreja Católica na Alta Idade Média



SÉC. IV

- Formação da **hierarquia católica** durante o Baixo Império Romano.
- Desenvolvimento de suas funções **administrativas** e **jurídicas**.



SÉC. V-VI: PODER NA EUROPA OCIDENTAL APÓS 476

RAVENA: presença do **Exarco de Constantinopla** (Império Bizantino).

ROMA: Sede do Bispado de Roma (**Papa**).

GERMÂNICOS: grupos tribais autônomos.



O PAPA E OS FRANCOS

496: conversão de **Clóvis**, rei dos **Francos**, ao catolicismo.

- Objetivo da ICAR:** obter proteção militar, influência política, terras e autonomia frente o imperador de Constantinopla

A Igreja Católica na Alta Idade Média



SÉC. VIII-IX: PAPA X IMPERADOR BIZANTINO

- Gregório II (Papa) X Imperador Leão III.
- Sucessivas tentativas do Imperador em diminuir o poder papal:
 - a. Cobrança de impostos sobre o papado.
 - b. Iconoclastia X Iconodulia.



SÉC. VIII: ALIANÇA COM OS FRANCOS

- Séc. VIII: expansão dos **Lombardos** pela Itália (conquistam Ravena).
- **Ameaça Lombarda**: o papa Gregório II busca apoio dos Francos
 - * **Carlos Martel**: não aceita ampliar a aliança com o papado.
 - * **Motivo**: temia dividir suas tropas durante a Batalha de Poitiers, 732.

A Igreja Católica na Alta Idade Média



SÉC. VIII: FRANCOS E O PAPA ESTEVÃO II

- Aliança entre o papa Estevão II e Pepino, o Breve.
- **Pepino**: herdeiro de Carlos Martel, visava legitimar seu poder como rei.

“ — Ao contrário do seu antecessor, Pepino concluiu que um tratado com o papa podia ser benéfico para si, a sua família e para os Francos em geral. Pepino necessitava de ser reconhecido como o chefe cristão do Ocidente e pretendia ter algumas garantias de que os seus filhos lhe iriam suceder. Pensou que o papa poderia satisfazer ambas as necessidades. Em contrapartida, Pepino defenderia o papado contra os Lombardos e entregaria as terras que o papa reclamava como suas. Em 754, o negócio foi fechado em Ponthion. Pepino e os seus filhos foram ungidos, um símbolo solene da posição de Pepino como chefe cristão e do direito dos filhos à sucessão. Em 756 Pepino derrotou os Lombardos e devolveu o território reclamado pelo papa. Esta nova aliança significou um passo importante no caminho que iria conduzir à criação dum império ocidental que seria independente do Oriente.

(HOLMES&BICKERS, 2006, p. 71)

A Igreja Católica na Alta Idade Média



CARLOS MAGNO

- **774**: vitória sobre os Lombardos em Pavia.
- **Consequência**: torna-se protetor do papado.
- Comanda guerras de expansão territorial.
- **800**: foi coroado imperador do Novo Império Romano do Ocidente pelo papa Leão III.

“ Nos quatro séculos seguintes, o Sacro Imperador Romano foi coroado pelo papa, habitualmente em Roma. Tal prática podia apenas engrandecer o prestígio do papado e, para além disso, salientar que o laço que unia os grupos ainda dispersos no Ocidente era a fé cristã tal como era proclamada com autoridade pela Igreja de Roma.

(HOLMES&BICKERS, 2006, p. 71)

”

A Igreja Católica na Alta Idade Média



A FRAGMENTAÇÃO DO IMPÉRIO CAROLÍNGIO

- 841: morte de **Luís, o Piedoso** = disputa entre seus herdeiros.
- **Consequência:** fragmentação do poder carolíngio
- **Invasões:** vikings (norte), sarracenos (sul) e magiares (leste).
- **842-844:** a Igreja Católica intervém na disputa entre os irmãos através de três tratados: Estrasburgo (842), Verdun (843) e Minden (844).



A CONSOLIDAÇÃO DO PODER DA IGREJA

- **Terras da Igreja:** não foram divididas pelos tratados do século IX.
- **Consequência:** A Igreja passa a ser a maior proprietária de terras ocidental.
- **Poder militar:** terras = vassalos = exércitos.
- **Poder político:** religião exclusiva = tendência à universalização do poder.
- **Vácuo de poder:** a Igreja ocupa o lugar de poder deixado vago pela queda do Império Romano do Ocidente.

A Igreja Católica na Alta Idade Média



O PODER INTELECTUAL DA IGREJA: RENASCIMENTO CAROLÍNGIO

- Diretamente ligado à visão de Carlos Magno sobre poder e saber.
- **Objetivo:** fazer da corte de Carlos Magno "uma Atenas mais bela que a antiga, porque enobrecida pelo ensinamento de Cristo" (Alcuíno de Iorque).
- **Características:**
 - a. Reforma da escrita: minúscula carolina.
 - b. Sistema de pontuação desenvolvido pelos monges copistas.
 - c. Iluminuras.
 - d. Arquitetura: incorporação do transepto às plantas das igrejas.
 - e. Teocentrismo + Dogmatismo + Fé.
 - f. **Latim:** língua universal.

Igreja: poder secular + poder espiritual = Paz de Deus



Ic prophete
moyses
was i ene
ghelinden
biede wof
gheworpe
nir wate
asmen de
doe alle die
knechtens
van israhel
in den lande
van egypte
mar des
conincs

pharoes dochter quam ende zonde haden
die name wt den water ende deden op hoeden
ende hoefden voer horen zoen die kindt wate
groot ende om enen dootlach die hi dede ene die
die kinder van israhel in strede vloech hi wt
den lande ende quam onder den borst synen
hoeden scapen doe op enbaerde hem god en
die kinder van israhel wt egypten haleu
en doe hi dar hadde ghedaen mit veel woud

dit ad hunc non transire.

De his reuocandis que in
frangem alienata sunt. **I**mp.

Sic res qui post aditam
debitatem ad eum aut
corpore sit debitaria tunc
tunc creditore per manum ob
ligatus si igitur infraudem tu
amio fecit tunc eius et castis
iustitias actibus sibi nego
cium gestum fuit ea que in fru
dem alienata ptabuntur re
uocabis.

Imp. **S**uccessione si prius ab
stentia fuisse ob ea que in eodem
causa sunt conuenit te creditore
nequeunt quibus pignozata i
cotent dicit non deentur nisi to
tus defuncti non sufficientibus
infraudem creditore contem co
stitutum pluri.

Imp. **S**i pna debitatem te ad
stuuisti nec quocq infraudem
creditore ex totis eius uice co
nacionis uice descriptum est
apriuatatis ditionibus preses
punaie conuenit te non pa
actur.

Idem. **H**uos de uitoris ei suat
dentes ueluti in creditore frau
dem alienatoz facultatem re
uocandi non hie notissim u
ris est.

Idem. **I**nnotia uis endo ad
uisus eu qui sententia condemp
natis intra statutum tempus
facis non fecit nec defenditur
totius possessio item: dicitur
p actum infacti contempro
rem quis faciens fraudem opau
t cum qui ex luctuuo titulo p
ficer faciat alienatione detrac
ta creditorebus suis esse con
sultum.

Idem. **S**actu sollempni present
obligationem pmissi pspias ad
uerfus fraudatorem intra an
num in quantum facer potest

ut colo malo fecit quominus
possit edicto ppetuo in actio
nem pmissa. **S**ed et commi
nustimam ubi vij. capit
Incipit vij. capitulum 12.



CAPITULUM
GENAS RADI

Cabus artwo muiana
adit angeli are ppositis arsee
abus fundantis comus tue
piculi affert p ses ad exempl
in ditionibus que in alio pposita
sunt si artwo in alienas eces i
pendebit item si artwo i alienu
agrum inpendebit quibus of
tenditur nec artwois quid acci
sione uicno necere oportere
rem ad suam rediget equi
tatem.

Imp. **P**reses punaie meum
qui eius punaie no est nec ex
interdicto p cognoscit.

Imp. **I**n certum non est or
ta ppetuatis in possessione lite pri
uisionis deadi oportet qom co
pctentibus actibus ut ex h orchi
ne sed de dnu disceptatione pro
tuones ab eo quae pssione ue
tus est exigantur. **I**n ditione
au licet in et ordinariis iudiciis
prietatum non hie tti ad exem
plum cor res igitur

Imp. **S**iquis ad uer: in ditione
efflagitet ruptis uerbis amu
gibus in eipia gnationu aspia
a rationem et pnie ac suas



A Igreja Católica na Alta Idade Média



A HIERARQUIA CLERICAL

TIPO DE VIDA:

- **Clero secular:** atividades voltadas ao mundo externo.
- **Clero regular:** isolado do mundo externo em atividades monásticas.

TIPO DE FUNÇÃO:

- **Alto Clero:** alta hierarquia administrativa da ICAR.
- **Baixo Clero:** hierarquias inferiores da ICAR.

Dominium

- Ligação dos indivíduos com o solo.
- Estrutura do poder local.
- Poder de quem tem as terras sobre quem não tem as tem.
- É uma relação:
 - a. desigual
 - b. assimétrica
 - c. sobreposta: quem exercia o poder, geralmente, tinha a terra.

Ecclesia

- Sistema de representação e ritos sobre o homem e o mundo.
- **Origem:** Santo Agostinho (354-430)
- **Deus:** uno.
- **Mundo:** dual (carne e espírito).
- **Homem:** fraco, sozinho não consegue vencer a morte, o pecado e Satã.
- ***Ecclesia* (Cristo):** é a força da comunidade cristã que permite ao homem vencer a dor de viver no Mundo.

A Igreja Católica na Alta Idade Média



A EUCHARISTIA

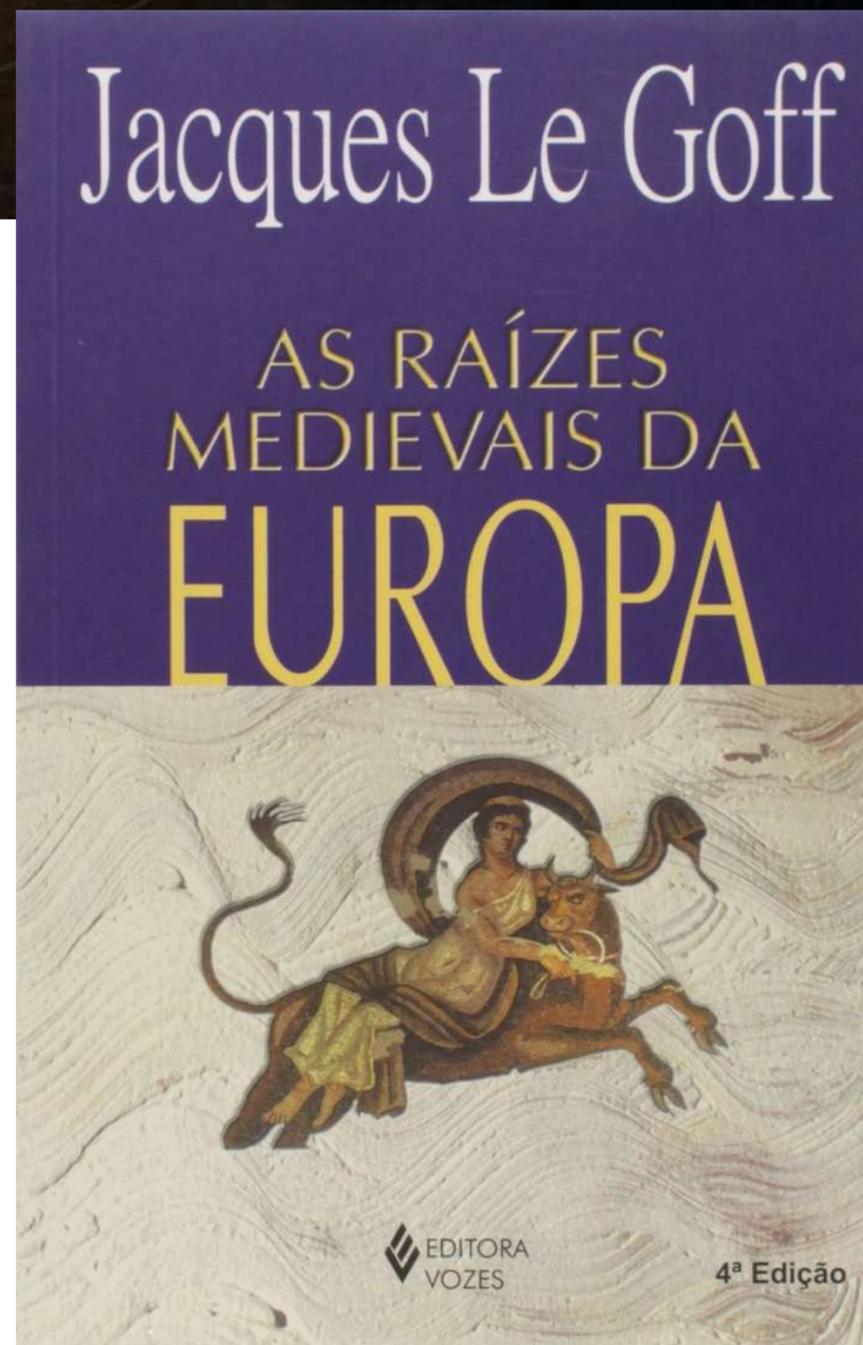
- Desde o séc. IV, celebrada em um altar com **reliquias**, era o principal **ritual de ligação** entre os homens e Deus (corpo e alma).
- É um rito de passagem primordial que se dá em um local específico: **a Igreja**.
- **Igreja**: o lugar onde Jesus e santos se manifestavam como agentes exclusivos da salvação.

A **Ecclesia**, reunida na Igreja, junta-se em corpo e alma a Deus através da **eucaristia**. A igreja é o **locus** onde o poder simbólico se conjuga com o material.

É a chave de coesão na Europa Ocidental após a queda do Império Romano.

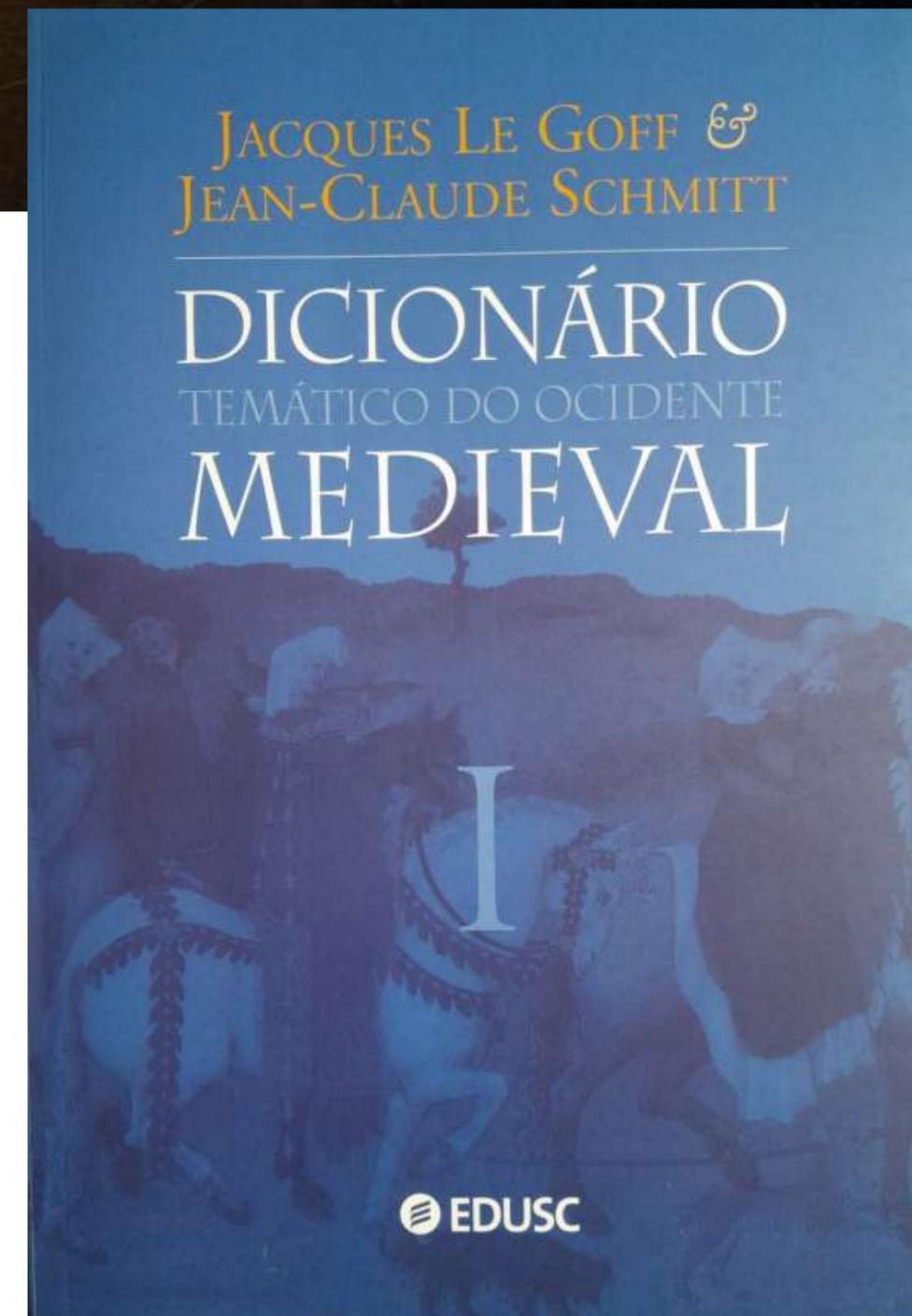


"Durante toda a Idade Média (uma Idade Média que é preciso prolongar para muito antes dos tempos modernos), a ação poderosa do cristianismo, que fez sem cessar passar por cima das fronteiras mal estabelecidas de reinos caleidoscópicos grandes correntes de civilização cristã desligadas do solo, contribuiu para dar aos ocidentais uma consciência comum, acima das fronteiras que os separam, uma consciência que, laicizada pouco a pouco, tomou-se uma consciência europeia". Lucien Febvre (p. 12)



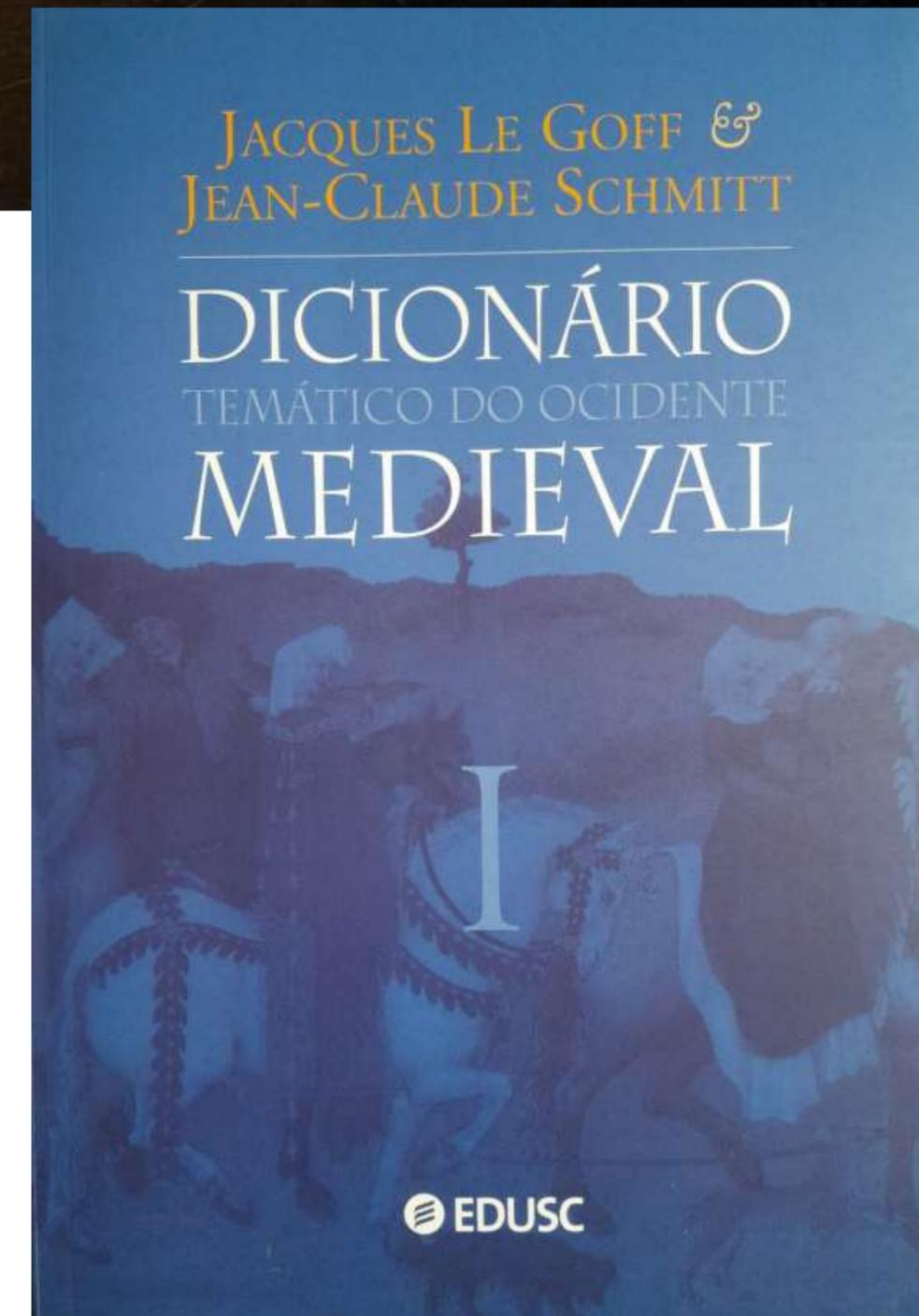


A característica globalizadora, obrigatória e hierárquica da ecclesia era única, e não há dúvida: enquanto instituição dominante a ecclesia constituía a armadura do sistema de dominação medieval, e deve-se reconhecer no alto clero a fração superior da classe dominante feudal. (p. 447)



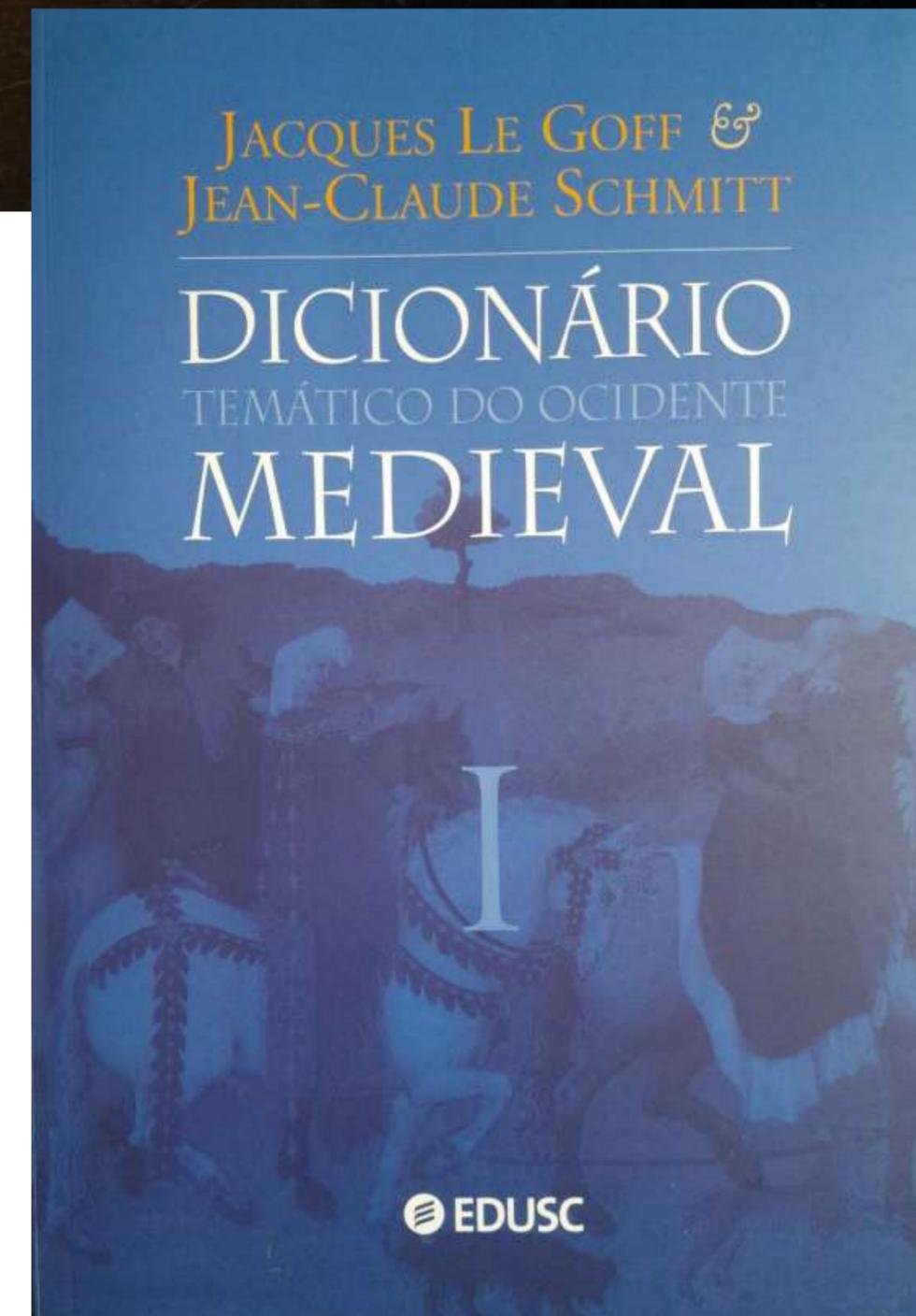


A lógica de fixação ao solo continuou durante vários séculos. A lenta (e desigual) especialização agrícola pode ser facilmente interpretada como uma maneira de evitar a mobilidade e os fluxos de população. Da mesma maneira podem ser interpretadas as múltiplas diferenciações que são muito menos antigas do que se pensa normalmente: infinita variedade de sistemas metrológicos, de idiomas, de costumes sucessórios, de habitats, de indumentárias. Nas cidades, o que chamamos de modo muito esquemático de sistema corporativo aparece essencialmente como uma transposição das estruturas do campo.



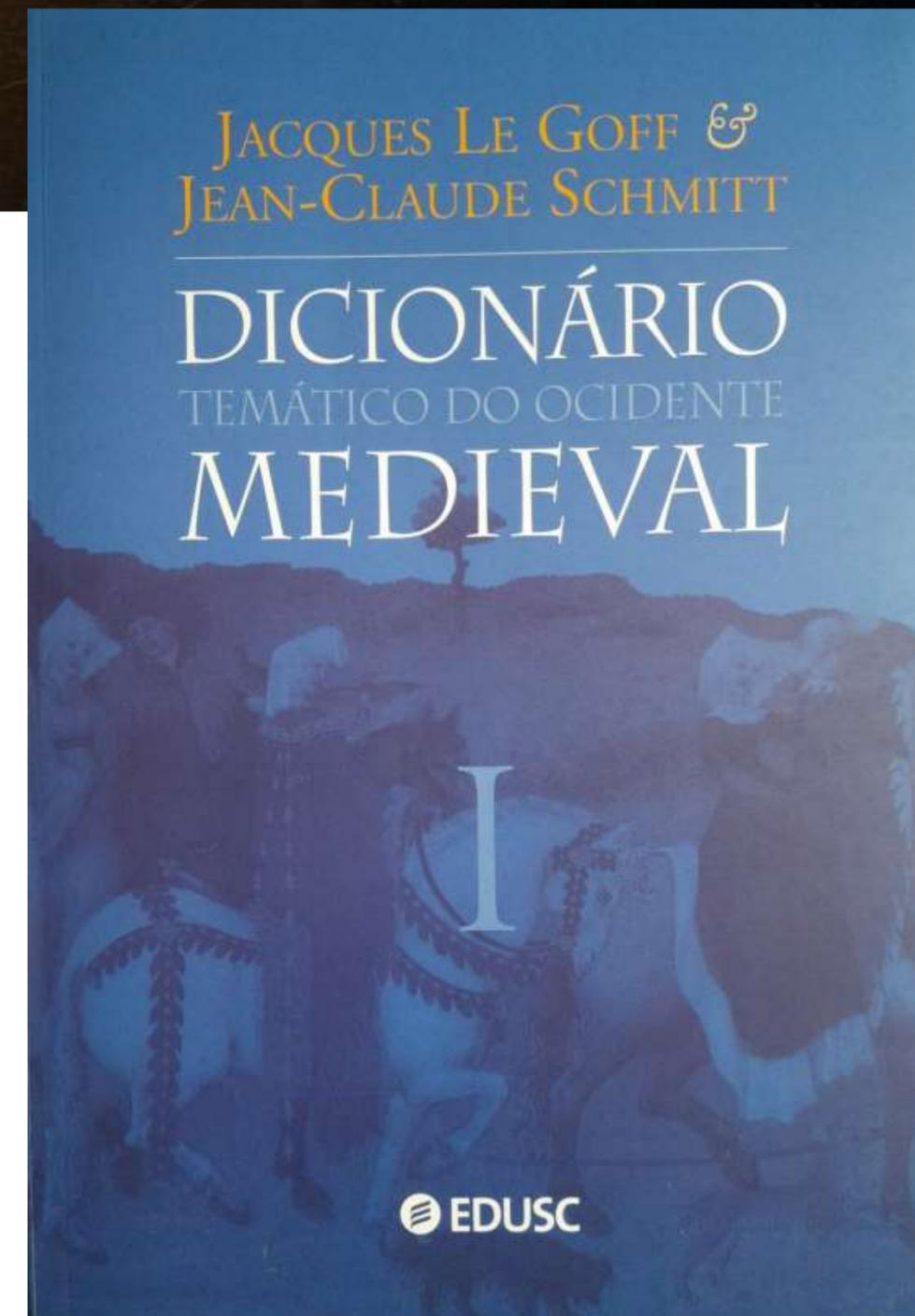


Durante este período, como no período precedente, nada era concebido em termos de desenvolvimento, mas de conservação. O crescimento das taxas foi obtido principalmente por cobranças sobre os transportes e as transações, todo comércio permanecendo estreitamente "embutido". O desenvolvimento das especificidades e das especializações gerou, no entanto, um lento e inexorável movimento de progresso técnico.



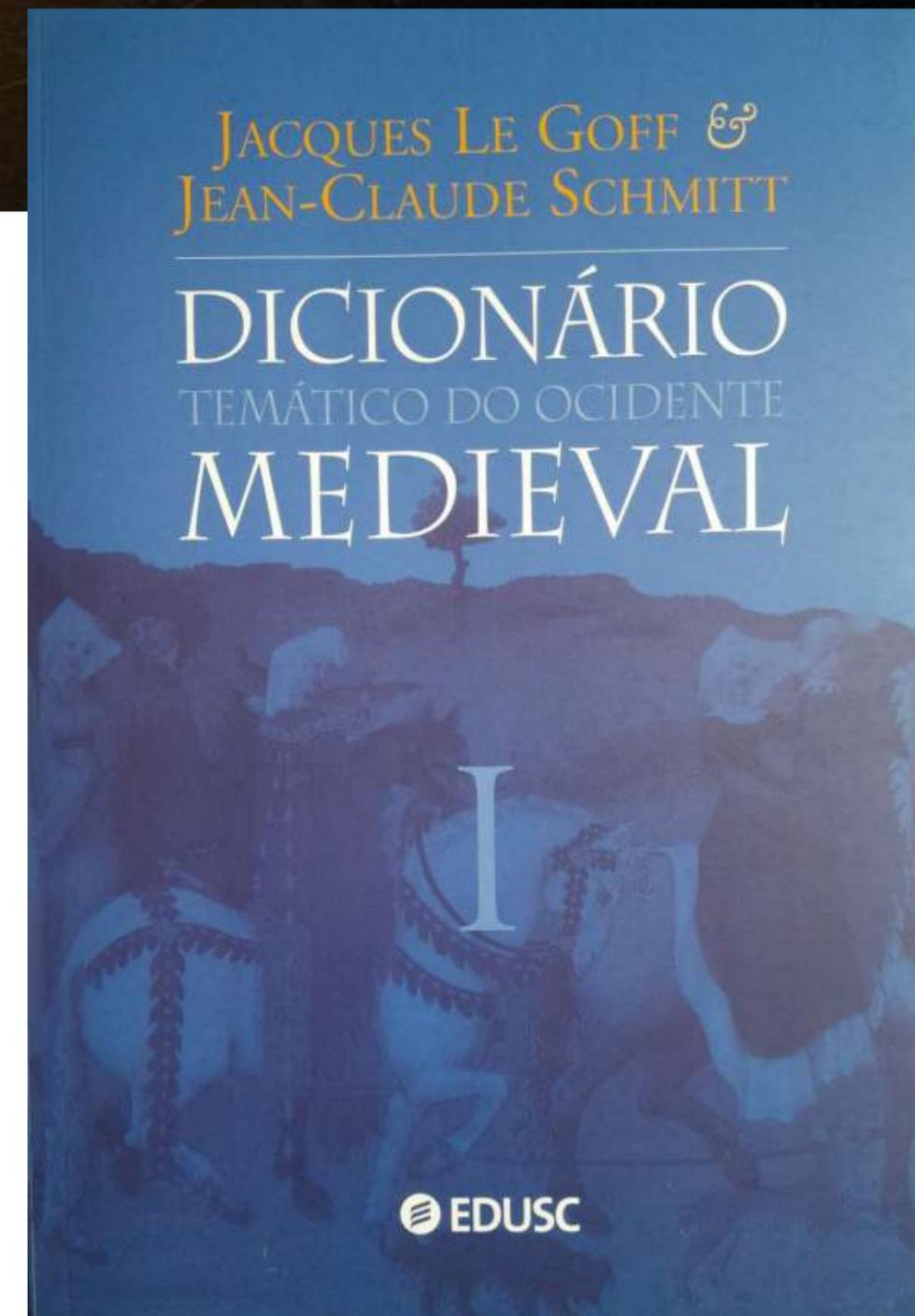


Simultaneamente, este crescimento dos particularismos locais acompanhava, em cada lugar, uma crescente homogeneização, com as distinções de estatuto no interior das massas dominadas desaparecendo pouco a pouco, na medida em que se reforçava o controle eclesiástico sobre os indivíduos: confissão pessoal, casamento obrigatório na igreja, registro sistemático dos batismos, falecimentos e casamentos.





Assim, foi simplesmente a dinâmica intrínseca ao sistema feudal que produziu elementos bem conhecidos, como a homogeneização da população dominada, a melhora das técnicas e o lento aumento da produção, o fortalecimento das categorias sociais ligadas às atividades urbanas. Mas a chegada destes elementos era completamente alheia à lógica do sistema. No entanto chegou um momento em que a lógica de fixação ao solo e o controle da população pela ecclesia entraram em contradição com estes elementos que aos poucos se articulavam. (p. 453)



A mulher na sociedade medieval



Durante a Idade Média, a figura feminina revestiu-se dos piores atributos imagináveis. Para os teólogos, além de infantil e inconstante, a mulher era mãe de todo pecado: Thomas Murner chamava-a de ‘Diabo doméstico’, enquanto Tomás de Aquino reservava-lhe a pecha de ‘macho deficiente’. Essas características levaram-na a ser o elo fraco das sociedades cristãs, a janela pela qual Satã adentrava territórios sacramentados. Sendo fraca de vontade e caráter, a mulher ficava à mercê das tentações demoníacas, tornando-se facilmente discípula e amante do Diabo.

A mulher na sociedade medieval



Até o século XII, a mulher era desprezada por ser considerada incapaz para o manejo de armas; vivendo num ambiente guerreiro, não se lhe atribuía outra função além de procriar. A sua situação não era mais favorável do ponto de vista espiritual; a Igreja não perdoava Eva por ter levado a humanidade à perdição e continuava a ver em suas descendentes os acólitos lúbricos do demônio.

Adaptado de Pierre Bonassie, Amor cortês, em Dicionário de História Medieval. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1985, p. 29-30.

A mulher na sociedade medieval

Assim, a subordinação da mulher possui uma raiz espiritual, mas também corporal. "A mulher é fraca", observa Hildegarde de Bingen no século XII, "ela vê no homem aquilo que pode lhe dar força, assim como a lua recebe sua força do sol. Razão pela qual ela é submetida ao homem e deve sempre estar pronta para servi-lo." Segunda e secundária, a mulher não é nem o equilíbrio nem a completude do homem. Em um mundo de ordem e de homens necessariamente hierarquizado, "o homem está em cima, a mulher embaixo", escreve Christiane Klapisch-Zuber.

O corpus da interpretação dos textos bíblicos dos Padres da Igreja dos séculos IV e V (como Ambrósio, Jerônimo, João Crisóstomo e Agostinho) é incansavelmente retomado e repetido na Idade Média. Assim, a primeira versão da Criação presente na Bíblia é esquecida em proveito da segunda, mais desfavorável à mulher. Ao Deus criou "o homem à nossa imagem, à nossa semelhança", isto é, "homem e mulher" (Gênesis, I, 26-27), os Padres e os clérigos preferem a versão da modelagem divina de Eva a partir da costela de Adão (Gênesis, II, 21-24). Da criação dos corpos nasce, portanto, a desigualdade original da mulher. Uma parte da teologia medieval segue o passo de Agostinho, que faz remontar a submissão da mulher antes da Queda. O ser humano é portanto cindido: a parte superior (a razão e o espírito) está do lado masculino, a parte inferior (o corpo, a carne), do lado feminino. As Confissões de Agostinho são a narrativa de uma conversão, por meio da qual o futuro bispo de Hipona conta, igualmente, como a mulher em geral – e a sua em particular – foi um obstáculo à sua nova vida de homem da Igreja.

BIBLIOGRAFIA:



1. ANDERSON, P. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2007.
2. HOLMES, D.J., BICKERS, B.W. História da Igreja Católica. Lisboa: Edições 70, 2006.
3. LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011
4. LE GOFF, Jacques. As raízes medievais da Europa. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.
5. LE GOFF, J., SCHIMITT, J-C. (coords.) Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Bauru: Edusc, 2006.